

# AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A UTILIZAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Evellyn Ledur da Silva – Universidade Federal de Santa Maria  
Estela Maris Giordani – Universidade Federal de Santa Maria  
Camila Ribeiro Menotti – Universidade Federal de Santa Maria

## 1. Introdução

A pesquisa teve como objetivo responder a questionamentos e anseios sobre a utilização de materiais didáticos pelos professores da educação básica. Os professores se perguntam: o que é uma boa aula? Até que ponto o uso de materiais didáticos pode auxiliar no processo do aprender? Como o material didático pode mediar a aprendizagem dos alunos?

Compreende-se que quando o professor se apropria, desenvolve e adapta o material didático e o utiliza adaptando ao contexto dos alunos a aula resulta mais produtiva para o professor e para o aluno. Por isso, ao planejar, o docente observa possibilidades de uso destes, quer seja um filme, uma maquete, um jogo, ou mesmo um livro e, vai combinando estes em ação educativa visando o desenvolvimento de seus alunos e de seu próprio estilo de pedagogia.

No contexto educativo é fundamental estabelecer a estreita correlação entre os materiais didáticos, a criatividade e os objetivos educacionais. Nesta direção percebe-se que há muito ainda o que se fazer no que se refere a constituição de maior correlação entre o sistema de ensino, dimensão macro, possibilita a adota materiais didáticos padronizados e o contexto da sala de aula, sua dimensão micro.

Foi pensando nesta problemática que nasceram algumas atividades de pesquisa, ensino e extensão, que foram desenvolvidas em cursos de licenciatura e na Pós-Graduação da UFSM. Estas atividades vividas provocaram na proponente do projeto e no grupo de pesquisa envolvido outras inquietações e reflexões. Contribuíram também, para a realização desta pesquisa e, se apresenta neste artigo, as provocações enfrentadas nas atividades de docência das disciplinas de: a) currículo, teoria e história; b) didática nos cursos de licenciatura; c) metodologia do ensino superior; d) estágio curricular supervisionado no curso de pedagogia; e) contextos educativos.

Nas atividades de extensão universitária realizadas (Oficinas de Didática e de Aquisição de Habilidades básicas em pesquisa) evidenciamos que foram muito

significativas e apontaram uma desqualificação em relação ao objeto da prática educacional, a aprendizagem. Outro problema evidenciado foi a carência de constructos teóricos para abordar essas questões.

A pesquisa auxilia na reflexão sobre a apropriação de princípios didáticos no exercício da mesma. Ou seja, o desenvolvimento que a própria disciplina de didática já possibilitou ao longo do tempo ainda não está incorporado no fazer docente, na construção da aula, no foco da aprendizagem do aluno e no desenvolvimento integral da pessoa aprendiz. Logo, há necessidade de avanços no campo da didática, pois a docência nos cursos de licenciatura e de bacharelado desenvolve a atividade desconsiderando seus conhecimentos e saberes específicos no âmbito do trabalho pedagógico do exercício docente.

Não se trata de considerar que a didática seja a tábua de salvação, contudo, desconhecer seus pressupostos na atividade docente e não incorporar os avanços que cada abordagem já proporcionou significa reduzi-la a um campo no qual a preocupação formativa ainda não seja o foco principal. Portanto, a pesquisa aponta para a necessidade de um desenvolvimento docente no campo de seu exercício profissional. Por isso, a utilização de estratégias de ensinagem (ANASTASIOU e ALVES, 2004) assim como a elaboração, organização e utilização de materiais didáticos caracterizam uma necessidade de recolocar a tarefa da docência na efetiva prática do exercício docente do professor.

Compreendeu-se que uma das questões ainda difíceis de serem trabalhadas, que geram preocupações na formação de professores, muito embora aparentemente simples, diz respeito às questões de desenvolvimento e organização de materiais didáticos apropriados ao processo de ensino-aprendizagem. Para o curso de pedagogia esse projeto serviu como temática interdisciplinar, pois instigou os acadêmicos a pensarem os processos educativos para além das fronteiras dos saberes disciplinares e a antecipar o contato com o ambiente escolar polissêmico, contraditório, por isso rico e desafiador. Assim, pensar o processo educativo não apenas como formação pedagógica restrita, mas compreender o conjunto complexo das suas relações implícitas.

As ações “extra muro” que se empreende, mostraram que educar não é só transmitir conhecimento, mas multiplicá-lo, socializá-lo. Pois, à medida que a comunidade, onde o estudante está inserido, percebe esta interação da universidade com as escolas, o que inclui educandos, educadores, diretores, pais, funcionários, ela também passa a interagir conosco. Acredita-se que a pesquisa intensificou e qualificou o relacionamento entre a comunidade acadêmica da UFSM e a comunidade da rede escolar.

O projeto de pesquisa, ensino e extensão “Dialogando com a escola: Interfaces entre materiais didáticos e a construção do conhecimento histórico” teve como tema o uso de materiais didáticos e suas relações com a aprendizagem escolar, oportunizando também a produção de materiais didáticos e a pesquisa da prática docente.

A história do ensino é um campo complexo, que não pode se resumir a formalidade dos programas curriculares e dos livros escolares. Suas múltiplas relações com as várias dimensões da sociedade, sua posição como instrumento científico, político, cultural, indica a riqueza de possibilidades para o seu estudo e o quanto ainda há para investigar.

Este campo de estudos, sobre o uso de materiais didáticos, necessitou de várias teorias que o sustentassem e colaborassem para desenvolver o projeto, em vista da dificuldade decorrente de uma base conceitual delimitada. Em função disto, tornou-se necessário ampliar o universo teórico, buscando assim referenciais na área das diversas licenciaturas, como uma temática interdisciplinar.

Na prática das disciplinas e do ensino, os alunos se deparam com dificuldades e dúvidas intrínsecas ao meio escolar durante décadas. As abordagens pedagógicas têm sofrido críticas severas com relação ao seu método de ensino, contudo, a atividade docente centra-se no processo de ensino-aprendizagem. Com isso, os futuros professores se sentem cada vez mais pressionados, solicitados e desafiados pelas contingências da escola atual. É preciso revitalizar a escola e com isso cresce a importância da Didática: é ela que permite a renovação da concepção do ensinar-aprender bem como possibilita novas modalidades contemporâneas que podem dar conta dos, sempre presentes, desafios educativos.

A intenção de desenvolver a pesquisa se sintetizou em quatro razões principais. A **primeira** pela necessidade de estudos sistemáticos da área sobre a temática “materiais didáticos” organizando um projeto amplo que possibilite o desenvolvimento de um trabalho conjunto com os acadêmicos e docentes. O **segundo**, devido à importância de estudos sistematizados, da realidade escolar e do diálogo ou interface que a academia pode propiciar sejam eles práticos ou teóricos sobre a Didática e sua importância no desempenho escolar tendo em visto que as técnicas poderão ser criadas, testadas e discutidas em ambientes motivadores. O **terceiro** porque existem vários professores tanto nos contextos escolares quanto acadêmicos que se dedicam ao desenvolvimento de competências relativas à docência e que podem contribuir imensamente para as reflexões e os debates formativos do professor nos cursos de graduação da UFSM. E, o **quarto** que, este projeto assumiu as tarefas de ensino, pesquisa e extensão e pode promover discussões e problematizações da didática e do estágio na formação de professores.

## 2. O processo de ensino e aprendizagem e os materiais didáticos

O presente trabalho se insere no contexto de estudos realizados numa perspectiva de que o profissional professor é de extrema importância para o futuro da nossa sociedade. Desta forma, depende de sua formação didática o modo ou modelo operativo que utilizará na construção de sua prática nos processos que utiliza para a organização das situações de aprendizagem dos alunos, percebendo-se assim, a importância da Didática.

Consideramos em primeiro lugar, que o processo de ensino – objeto de estudo da Didática – não pode ser tratado como atividade restrita ao espaço de sala de aula. O trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. A ciência que investiga a teoria e prática da educação nos seus vínculos com a prática social global é a Pedagogia. Sendo a Didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é, assim, uma disciplina pedagógica (LIBÂNEO, 1994, p.15-16).

De maneira geral, a didática é uma área de aplicação da pedagogia cujo objetivo fundamental é ocupar-se, conforme Perrenoud (2000), do estudo da organização e direção de situações de aprendizagem. Isso implica no estudo de estratégias de ensino, questões relativas a metodologias de ensino situado em um espaço educativo complexo.

Assim, conforme Anastasiou e Alves (2004) surgiu o termo *ensinagem*, que indica a superação da visão fragmentada do processo de ensino e aprendizagem, pois essa é uma “prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de aprender em um processo contratual de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela” (p. 14). Pode-se dizer que ela funciona como elemento transformador da teoria na prática.

A didática se correlaciona com um certo número de variáveis que são a sua moldura (sistematicamente compreendida) a posição relacional dos sujeitos em didática, os saberes, as características dos destinatários, a eficácia dos instrumentos, bem como todas as ulteriores variáveis das modalidades relacionais e comunicativas (IORI, 2004, p. 28).

Segundo Candau (1984), na atualidade a perspectiva fundamental da didática é assumir a multifuncionalidade do processo de ensino-aprendizagem e articular suas três dimensões: técnica, humana e político-social no centro configurador de sua temática.

O papel da Didática na formação de professores foi também estudado por Cipriano Luckesi (1991), e alguns conceitos que seguem são um resumo de seu pensamento sobre o tema. A didática, para assumir um papel significativo na formação do educador, não poderá reduzir e dedicar-se somente ao ensino de meios e mecanismos pelos quais desenvolve um processo de ensino-aprendizagem. E sim, deverá ser um modo crítico de desenvolver uma prática educativa forjadora de um projeto histórico, que não será feito tão somente pelo educador, mas, por ele conjuntamente com o educando e outros membros dos diversos setores da sociedade.

A didática deve servir como mecanismo de tradução prática, no exercício educativo, de decisões filosóficas, políticas e epistemológicas de um projeto histórico de desenvolvimento do povo. Ao exercer seu papel específico estará apresentando-se como o mecanismo tradutor de posturas teóricas em práticas educativas.

Assim, segundo Candau (1984), a didática ao longo da história foi desenvolvida de modo linear em suas dimensões técnica, humanista e político social. Para ingressar no paradigma da didática fundamental ela deve reafirmar essas suas três dimensões tendo como possibilidade de desenvolver-se em sentido dialético e conjunto entre suas dimensões constitutivas. Desta forma, não se trata de negar a dimensão técnica, mas aliar esta à dimensão humana e político-social.

Segundo Garcia (1994), no desenvolvimento profissional de professores deve-se considerar que estes são também pessoas. Assim, nesta pesquisa, considera-se como elemento importante a dimensão da subjetividade, pois, não basta considerar a existência ou inexistência de princípios teóricos e práticos da ação docente, bem como os contextos históricos nos quais se configuraram e se desenvolvem. Precisa-se considerar que os professores possuem condições de desenvolverem seus próprios significados a respeito dos processos de desenvolvimento profissional.

Além disso, compreende-se que o foco dos processos de organização, planejamento e desenvolvimento de materiais didáticos devem estar pautados sobre a compreensão da aprendizagem humana. Esta é um fenômeno que decorre de como o sujeito apreende o mundo que o cerca. Por isso, a aprendizagem é humana e social, mas se processa nos indivíduos de modo diferente em virtude dos modos pelos quais as experiências humanas são vividas nos contextos educacionais (PAIN, 1985). Para essa autora, a aprendizagem humana se processa por meio de códigos, sinais. Ou seja, os professores, no processo de organização das aprendizagens para os alunos são mediadores de sinais, de símbolos, de códigos, por isso, os materiais didáticos seriam os portadores de códigos ou ainda os

facilitares dos códigos a serem apropriados pelos alunos. Desta forma, não são os professores que transmitem conhecimentos, mas por meio de toda a estruturação didática facilitam a apreensão dos códigos e, para isso, devem se utilizar de métodos que possibilitam a apreensão do conhecimento pelos alunos.

Para desenvolver esse processo de facilitação dos códigos do universo do saber humano é preciso que o professor conheça como funcionam os códigos, assim como os modos de serem apreendidos pelos estudantes. Ou seja, é preciso que o professor domine não apenas o universo dos símbolos que compõe o saber de sua área, mas também como se pode facilitar o acesso e a apreensão dos códigos. Além disso, precisa conhecer como se processa a apreensão do conhecimento pelo ser humano, isto é, compreender como uma pessoa apreende, como funcionam os processos de aquisição do conhecimento e que variáveis interferem neste apreender. Esse repertório de saberes pedagógicos devem ser partes constitutivas dos saberes profissionais docentes.

As aprendizagens dizem respeito a uma forma de apropriação específica relativa a cada sujeito. Cada aluno faz a apreensão do conhecimento, não é possível o outro apreender pelo aprendiz, a aprendizagem requer a premissa da sujeição, isto é, de estar em abertura, em humildade em situação intencional e voluntária de apreender. O processo de sujeição significa que é o sujeito que se põem como protagonista histórico da ação que exerce sobre si mesmo. Ele se coloca no lugar de apreender, na condição de encontrar uma novidade que irá ser internalizada e que transformará sua interioridade. Autores como Masseto (apud VASCONCELOS, 2000) entendem que a aprendizagem é pessoal, diz respeito à pessoa e envolve a pessoa em sua totalidade de aprendiz. Pain (1985) diz que para a aprendizagem ocorrer ela está relacionada às estruturas do sujeito. Ela se dá em um lugar, que é o sujeito e esse constituído por suas estruturas têm a possibilidade de apreender. Por isso, considerar esses mecanismos, que compõe as estruturas do sujeito, são fundamentais para a compreensão dos códigos por meio dos mediadores de aprendizagem.

Toda aprendizagem decorre de um processo de internalização de sinais que devem ser processados pelos indivíduos. Esse processo interior de “elaboração” de um saber, para um saber próprio requer aquisição, armazenamento, organização, utilização em situações gerais e específicas. Além disso, nesse processo entra em jogo o todo da pessoa, isso significa que estão em jogo os mecanismos conscientes e inconscientes.

### **3. Materiais didáticos e as tendências pedagógicas**

A educação, ao longo da história, vem sofrendo diversas transformações que atingem todos os indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Pode-se analisá-la pelas tendências pedagógicas, as quais possuem suas características próprias. Observa-se que nenhuma dessas correntes esgotou-se, uma vez que todas fazem parte do cotidiano escolar e que de algum modo estão incorporadas nas práticas pedagógicas. Libâneo diz que “evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se dêem conta dessa influência (2006, p. 21)”. Muitas vezes os docentes alegam não seguir tal tendência, julgando-a errônea, mas observa-se que tais colocações são equivocadas, já que em várias situações do cotidiano escolar estas correntes compõem o seu fazer profissional.

#### **3.1 Pedagogia Tradicional**

Nesta tendência pedagógica, o papel da escola está intimamente ligado com a reprodução de conhecimentos. Esses, por sua vez, devem preparar o aluno para uma futura posição na sociedade (LIBÂNEO, 2006). A relação de aprendizagem entre professor e aluno acontece com muita autoridade, pois o professor, ocupando um lugar de ápice, possui em suas colocações o que realmente é verdadeiro. Assim o aluno nada sabe, e sua capacidade está atrelada ao que o professor discorreu. As atividades são feitas individualmente (a maioria delas simples reproduções do conteúdo repassado) não ocorrendo interação entre alunos e alunos e entre alunos e professores. De acordo com a pedagogia tradicional o professor se limita apenas a transmitir o conhecimento, tornando-se assim a autoridade do saber. O relacionamento do professor com o aluno é descrito por Libâneo como:

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo como verdade a ser absorvida; em conseqüência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz de assegurar a atenção e o silêncio (LIBÂNEO, 2006, p. 24)

A memorização é uma das bases dessa prática pedagógica, uma vez que a pedagogia tradicional acredita que o aluno deve disciplinar a mente e formar hábitos (LIBÂNEO, 2006). A principal metodologia de ensino é a aula expositiva. Os alunos são vistos como passivos frente à aprendizagem, devendo aprender igualmente os conteúdos trabalhados em sala de aula.

A avaliação é uma forma de verificar se o aluno reteve o conhecimento passado pelo professor, e não uma oportunidade de reelaborar o conhecimento. Se o aluno não conseguiu decorar o que o professor ensinou, é punido com uma nota baixa (a punição incluía, sobretudo, castigos físicos). Na sua versão mais difundida, a avaliação é feita pontualmente, através de prova, onde em um único momento, o aluno é testado e seu desempenho no processo de aprendizagem, ao longo das aulas, tem pouca importância (LIBÂNEO, 2006).

Em relação aos materiais didáticos, segundo esta abordagem, eles são descontextualizados, e o que existe é a utilização do livro didático (apostilas, cartilhas, etc.), giz e quadro (LIBÂNEO, 1994). Nesta perspectiva, pode-se perceber que o material didático não possui importância. Ele muitas vezes é pouco ou nem utilizado e não possui função didática de aprendizagem. Neste sentido, o processo de ensino e aprendizagem acaba perdendo seu valor e tornando-se precário, pois o aluno apenas repete o conhecimento e não o re (constrói). Portanto, nesta abordagem, o material didático é concebido como um suporte, um apoio. Ou seja, ele já está pronto, concebido, elaborado, e cabe ao aluno, ao contatá-lo assimilar o que ele antecipadamente possibilita, dentro da perspectiva de que é o objeto que determina o que deve ser aprendido e o sujeito deve aprender dele.

### **3.2 Pedagogia da Escola Nova**

A Escola Nova contrapõe o que era considerado “tradicional”. Busca compreender o aluno, reconhecendo as diferenças individuais existentes dentro de uma classe escolar. Segundo Libâneo “trata-se de ‘aprender a aprender’, ou seja, é mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito” (2006, p. 25).

Libâneo descreve a educação da escola nova como “um processo interno e não externo; ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para a adaptação ao meio (...) um ensino centrado no aluno e no grupo” (2006, p. 22).

Um exemplo de movimento escolanovista é a Pedagogia Montessoriana que passou a fazer parte da metodologia de ensino-aprendizagem dos educadores, onde os instrumentos utilizados para educar são utensílios domésticos que fazem parte do cotidiano da criança – pratos, copos, vasos de flor, mesa, cadeiras, cortinas, porta, janelas etc. De acordo com esta corrente tudo pode ser utilizado como material, porque a educação



acontece durante a vida, então tudo faz parte das aprendizagens e tudo entra dentro do universo escolar como importante (MONTESSORI, 1972).

Na concepção dos escolanovistas o aluno é o centro das atividades escolares, é um ser ativo e curioso. Surge a valorização do “eu” do aluno e também as atividades adequadas as suas características individuais (LIBÂNEO, 2006). A autoridade do professor não entra mais em prática, e sim a sua capacidade de auxiliar o aluno em suas tarefas escolares. Conforme Libâneo “não há lugar privilegiado para o professor; antes, seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre, e espontâneo da criança; se intervém, é para dar forma ao raciocínio dela” (2006, p. 26). Ghiraldelli relata que,

O Movimento da Escola Nova enfatizou os “métodos ativos” de ensino-aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional (GHIRALDELLI JR, 1991, p. 25).

Segundo Saviani, “a escola nova pretendeu reformular internamente o aparelho escolar” (1985, p. 29), pois além das mudanças no processo de ensino-aprendizagem, mudou também o ambiente escolar, as escolas passaram de lugares sombrios para escolas coloridas, alegres, movimentadas e bem equipadas.

Esta mudança física une-se à mudança de concepção de aula e de métodos utilizados para ensinar-aprender, isso é de grande importância, pois os materiais didáticos devem ser atrativos, estimular a curiosidade e o interesse dos educandos, como também aguçar seus sentidos e facilitar a aprendizagem.

Do ponto de vista dos materiais didáticos, começa a surgir a introdução de alguns jogos como materiais alternativos e estratégias pedagógicas. As aulas tornam-se participativas e comunicativas. Cada professor tentava criar um estilo próprio de trabalho.

O lúdico começa a ser levado em consideração em sala de aula, acredita-se que o lúdico facilita a aprendizagem, porque aproxima o cotidiano da criança ao conhecimento. O mesmo acontece com a utilização de materiais didáticos de forma lúdica, como jogos, filmes e brincadeiras. A simbologia presente nestes momentos faz com que a criança aproxime os conhecimentos propostos durante estas atividades do seu cotidiano, internalizando o conhecimento de forma significativa e prazerosa.

### 3.3 Pedagogia Tecnicista

A abordagem tecnicista propõe uma pedagogia embasada na racionalidade técnica, eficiência e eficácia da produtividade. O foco principal não é o sujeito e sim o objeto, provocando a fragmentação do conhecimento entre corpo e mente. A escola tecnicista é fundamenta em três pilares: o empirismo, o positivismo e o pragmatismo.

Nesta abordagem o professor torna-se neutro frente aos seus conteúdos. Acredita-se que para ter uma boa educação a escola tem que estar equipada (com jogos na sala, laboratórios organizados, etc.); não se preocupando com a aprendizagem dos alunos, pois se a escola está bem equipada, a aprendizagem é uma consequência. A educação é vista como um instrumento capaz de desenvolver economicamente o país pela qualificação da mão-de-obra, como ilustra Libâneo:

À educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global. (...) A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo (...) seu interesse imediato é o de produzir indivíduos “competentes” para o mercado de trabalho. (LIBÂNEO, 2006, p.28-29)

Em outras palavras, a escola serve para preparar mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho atual. Nem o professor nem o aluno são os centros desta perspectiva, mas sim a tecnologia. O professor se torna um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites da técnica utilizada. O aluno é apenas um indivíduo que reage aos estímulos dados pela técnica do professor, tendo que corresponder às respostas esperadas pela escola para ter êxito e avançar para a próxima etapa. Nem seus interesses nem seu processo particular de aprendizagem são considerados, ele deve ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa que o professor implementar (LIBÂNEO, 2006).

Na perspectiva dos materiais didáticos, assim como o foco desta corrente é o objeto, a tecnologia; os materiais didáticos acabam se tornando secundários em sala de aula, pois o importante não é utilizá-los, mas tê-los. Ou seja, esta corrente tem como protagonista os equipamentos (laboratórios organizados, salas específicas etc.), negligenciando ou ignorando a maneira como eles são utilizados. O professor por ser neutro em sala de aula, acaba se tornando apenas um mero transmissor entre o aluno e o conhecimento contido nestes materiais.

### 3.4 Pedagogia Crítico-social dos conteúdos

A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos surge no final dos anos 70 e início dos 80. Esta corrente dá ênfase aos conteúdos, confrontando-os com a realidade social, bem como às relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, em seus processos de construção e organização pessoal da realidade.

Compreende que não basta ter como conteúdo escolar às questões sociais atuais, mas é necessário que o aluno possa se reconhecer nos conteúdos e modelos sociais apresentados para desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos do ambiente, buscando ampliar as experiências e adquirir o aprendizado. Sobre a questão dos conteúdos a serem abordados, Libâneo comenta que: “embora se aceite que os conteúdos são realidades exteriores ao aluno, que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais” (1986, p. 39).

A escola é parte integrante do todo social e deve servir aos interesses populares garantindo um bom ensino, preparando o aluno para o mundo, proporcionando-lhe a aquisição dos conteúdos concretos e significativos, fornecendo-lhe instrumentos para a sua inserção no contexto social de forma organizada e ativa. Neste contexto, o professor é o mediador, cuja função é orientar e abrir perspectivas numa relação de troca entre o meio e o aluno, a partir dos conteúdos.

Os métodos desta tendência buscam favorecer a coerência entre a teoria e a prática, ou seja, a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos. Segundo Libâneo,

A questão dos métodos se subordina à dos conteúdos: se o objetivo é privilegiar a aquisição do saber, e de um saber vinculado às realidades sociais, é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos. (LIBÂNEO, 2006, p.40)

O professor busca verificar o que o aluno já sabe, pois o conhecimento novo se apóia numa estrutura cognitiva já existente, ou verificar a estrutura que o aluno ainda não dispõe para que haja uma compreensão tanto do aluno como do professor e, através da disposição de ambos, possa se fazer aprendizagens significativas. Para Libâneo,

Aprender, dentro da visão da pedagogia dos conteúdos, é desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com estímulos do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência. Em conseqüência, admite-se o princípio da aprendizagem significativa que supõe, como passo inicial, verificar aquilo que o aluno já sabe. O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes. A transferência da aprendizagem se dá a partir do momento da

síntese, isto é, quando o aluno supera a visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora. (LIBÂNEO, 2006, p. 42)

Assim, a aprendizagem se dá quando o aluno ultrapassa sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificada. Nesta perspectiva, os materiais didáticos, como meios facilitadores da aprendizagem, devem ser associados à realidade sócio-cultural dos educandos, pois assim o professor os utilizará tendo como pressuposto a realidade de seus alunos, tornando a aprendizagem significativa e eficaz. Este material deve ser pensado, também, de acordo com o contexto onde a escola está inserida, tornando-se ainda mais atrativo e provocar a curiosidade das crianças. Deve ele ser produzido e elaborado com o intuito de estimular habilidades e desenvolver o aluno por completo (intelectual social e pessoal).

Do ponto de vista da pedagogia ontopsicológica (MENEGHETTI, 2006), pode-se compreender uma outra visão dos processos educativos. Esta preocupa-se com a formação integral do ser humano, e fundamental é fazer com que a pessoa aprenda a si mesmo, conheça a si e desenvolva-se na história segundo sua intrínseca especificidade, sua unicidade. Deste modo, todos os sinais culturais, toda a mediação de materiais devem portar ao desenvolvimento íntegro do potencial humano e criativo que todo ser humano é, antes de ser professor ou aluno, estes agentes do processo educativo são pessoas e os sinais culturais devem prestar um serviço ao humano, o primeiro e prioritário serviço é de conhecer quem é, que potencial possui e auxiliar a pessoa a desenvolver o seu potencial na história. Deste modo, o primeiro e insubstituível recurso didático é a inteligência humana. Desenvolvê-la segundo a idêntica natureza individuada em cada ser humano faz com que o principal arquiteto de toda a existência e de toda a aprendizagem seja um aprendiz responsável por desenvolver-se e ao desenvolver-se auxilia o outro a encontrar o seu caminho de realização pessoal dentro de toda a possibilidade histórica e cultural na qual estes sujeitos vivem. O material didático ou o processo didático não pode prescindir de considerar o humano no processo educativo. Excluído esse elemento fulcro, não se justifica mais o ato ou processo educativo. Por isso, desenvolver a subjetividade de ambos é uma condição imprescindível (MENDES e GIORDANI, 2007).

#### **4. As Dificuldades com materiais didáticos no processo ensino-aprendizagem**

Os materiais didáticos, utilizados em aula, possuem a função de mediação, de forma que facilitem as crianças a construção dos conhecimentos escolares. A sua relevância tem sido muito discutida, uma vez que nesta pesquisa sobre os mesmos, chegou-

se a conclusão que eles são muito considerados pelos docentes, porque facilitam de forma agradável o desenvolvimento do conhecimento infantil.

A pesquisa foi realizada através de questionários, por meio da qual foram feitas perguntas relacionadas aos materiais didáticos, usos e funções. Indagou-se 35 professores dos diferentes graus da educação básica. As questões 1, 2 e 4 foram analisadas juntas, uma vez que ambas expressam as dificuldades, dos professores, dos alunos e os temas difíceis de serem trabalhados. A primeira questão, que aborda sobre os **conhecimentos difíceis de serem ensinados**, relata que o resultado obtido confirmou o que se observa nas escolas, uma vez que a dificuldade no ensino e aprendizagem da matemática e da língua portuguesa ainda hoje estão presentes no dia a dia escolar. Estas continuam sendo caracterizadas pelos professores como um “grande problema”. 12 professores citaram dificuldades na matemática e 11 na área de língua portuguesa. Dentre as dificuldades alegam:

- AI1: “As quatro operações, construção de frases e textos, raciocínio lógico”, são para ele os conhecimentos mais difíceis de serem ensinados.

- AI5: “Alguns aspectos da produção de texto (pontuação, coerência, concordâncias). Também alguns aspectos da alfabetização, divisão, expressões numéricas, classes de palavras, números fracionários, decimais etc.” são os conhecimentos mais complicados de serem ensinados.

Ferreiro (2002, p. 12) salienta que “Todos os problemas da alfabetização começaram quando se decidiu que escrever não era uma profissão, mas uma obrigação, e que ler não era uma marca de sabedoria mas de cidadania”. Assim pode-se observar que, para a criança a obrigação de atingir determinados conteúdos prejudica o seu ato de aprendizagem, pois a espontaneidade infantil é dominada por uma obrigação incapaz de fazer com que a criança sinta prazer ao dedicar-se a esse tema.

Posteriormente o indivíduo AI14 disse que “A multiplicação e a divisão são os conhecimentos mais complexos para ensinar, devido ao fato das crianças estarem na fase do concreto, por mais que trabalhe com o material dourado, mesmo assim fica difícil a compreensão”. Conclui-se então, que os professores sentem muita dificuldade em auxiliar os alunos para que construam os conhecimentos, uma vez que eles necessitam apreender este de modo a conseguirem entender todo o processo que os levará para uma aprendizagem, posterior, mais ampla.

Observa-se neste depoimento a carência do aspecto didático metodológico e também a transparência de uma certa frustração pedagógica na medida em que o profissional não consegue, apesar de realizar esforços, propiciar um processo de

aprendizagem de modo com que seus alunos consigam compreender e desenvolver suas potencialidades intelectivas. O conhecimento **não** se torna “conhecer pelo conhecer”, mas com a finalidade de “ser”. Ou seja, por meio do conhecimento o homem descobre a si e torna-se mais humano. Contudo, a dimensão humana foi excluída das práticas pedagógicas escolares, visto que o conhecer possui uma finalidade de ter e não de saber para ser, tornar-se melhor (GIORDANI, 2000).

Investigou-se também sobre quais **conteúdos os alunos apresentam dificuldades em aprender**. Os resultados demonstram que, assim como os docentes, os discentes também visualizam a matemática como algo extremamente complicado de ser entendido e apreendido. Os docentes citam algumas dificuldades:

O indivíduo AI2 diz que “Trabalho com o 2º ano dos 9 anos. Encontro alunos que repetem a mesma série a 4 anos. Faço atividades diferentes, jogos de montar, encaixar e outros, e mesmo assim com estes repetentes não consigo fazer com que eles aprendem. Os outros alunos que não são repetentes já lêem e produzem frases. Então a maior dificuldade é na alfabetização.”

O sujeito AI10 relata que “Acredito também que os alunos apresentam maior dificuldade de aprender os decimais e também na produção textual”.

O docente AI17 descreve que a “Leitura e interpretação, pontuação, subtração com reserva, interpretação de histórias matemáticas (multiplicação, divisão, subtração e adição), fotossíntese, ortografia” são muito abstratos para a compreensão dos alunos.

Observa-se que as dificuldades nas práticas pedagógicas de ensino, permanecem os já clássicos problemas que foram abordados por estudos, contudo pergunta-se, porque apesar dos estudos e compreensões a respeito das dificuldades dos professores no ensino destas teorias, os docentes ainda permanecem com tais dificuldades? Não será que para além das reflexões teriam que ser investidos esforços no âmbito dos aspectos metodológicos do processo de ensino-aprendizagem? Que cultura escolar está sustentando essas práticas?

Outra questão investigada diz respeito **aos conteúdos que os professores gostariam de dispor de materiais didáticos**, uma vez que os mesmos ajudariam de alguma forma na construção do conhecimento pelo discente. Encontrou-se diversas respostas, entre elas:

- AI6 diz que gostaria de obter materiais sobre “Matemática (sistema fracionário)”.
- AI10 relata que os materiais lhe ajudariam na “Geometria e sistema de medidas”.

- AI15: “Jogos que ajudam na construção de conceitos matemáticos (número, quantidade, adição, subtração, etc.) jogos que ajudam na alfabetização”, tornariam a aprendizagem do aluno mais significativa e os ajudariam no processo de ensino e aprendizagem.

Analisando essas três questões, tira-se por conclusão que as dificuldades dos alunos, são as mesmas que os professores possuem para ensiná-los. Diante desses dados pergunta-se: porque o profissional que tem a formação específica (letras e matemática) possui dificuldades de ensino em sua área e porque a criança apresenta dificuldade de aprendê-las? Estas são áreas que requerem o desenvolvimento da função simbólica e da lógica. Exatamente estas funções as quais os jogos e materiais didáticos poderiam tornar-se excelentes mediadores uma vez que trabalham com a capacidade representativa, a abstração e possibilidade de lógicas complexas com as regras e exigências do jogo.

## **5. Materiais didáticos e prática docente**

Quando foi perguntado se os jogos didáticos ajudariam o trabalho de ensino do educador, as respostas foram quase unânimes, uma vez que eles concordaram plenamente na utilização dos mesmos para a construção do conhecimento infantil. Dos 35 professores, 32 responderam positivamente, dizendo que os materiais ajudariam no trabalho de ensino, dos educadores. Um descreveu que nem sempre os materiais ajudam, outro respondeu que talvez e por fim o último sujeito disse “que somente os jogos, são impotentes”. Confirmando a visão positiva dos materiais didáticos observou-se nas respostas dos docentes:

- AI3: “Com certeza. Porque aproxima ao real, ao que a criança consegue compreender”.
- AI9: “Com certeza ajudariam e tornariam as aulas mais significativas. Mas para isso, é necessário o uso adequado dos jogos didáticos, isto é, eles precisam ser adequados aos objetivos propostos, aos conteúdos e à metodologia empregada”.
- AI10: “Com certeza, pois os jogos como a recreação, são nossos aliados. Portanto, acredito que eles podem promover uma melhor aprendizagem, pois qualquer conteúdo se aprende com maior facilidade quando se trabalha com material concreto”.
- AI16: “Sim, ajudaria muito, pois trabalhando com o concreto, os alunos visualizam mais e o aprendizado se torna mais fácil”.

Os professores consideram os materiais didáticos de suma relevância, uma vez que eles colaboram diretamente na construção de novos conhecimentos. Essas repostas mostraram que a teoria é muito importante para o aluno, mas com ela é preciso dispor de

instrumentos reais, que fazem com que a aprendizagem do educando seja de fato significativa.

Ainda são presentes as cisões entre teoria e prática e estas devem ser superadas, pois não serão os materiais didáticos ou as tecnologias que estes comportam em si mesmos que irão ultrapassar estas barreiras. Ambas, teoria e prática são importantes para a aprendizagem, uma vez que o professor deve ver nesses instrumentos, meios que poderão apoiar o seu processo de ensino e aprendizagem, já que eles começam a tomar conta das salas de aula.

Os entrevistados descreveram também, inúmeros **materiais didáticos que ajudariam no desenvolvimento de certas disciplinas**. Os materiais mais citados foram jogos em geral e dominó, sendo que eles fazem parte da realidade dos educados, pois esses são, para os professores, instrumentos fundamentais de trabalho.

Ferreiro (2008, p. 32-33-34) diz que “um fator freqüentemente mencionado como necessário para facilitar as ações de alfabetização é a produção de materiais”. A autora distingue três tipos de materiais: a) materiais dirigidos aos professores; b) materiais para ler; c) materiais para alfabetizar.

Os primeiros são empregados para o professor verificar como anda a sua prática profissional. Os outros devem ser dos mais diversos tipos, para que os alunos possuam diferentes formas de textos ao seu alcance, são definidos como livros, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos. E por último, a autora salienta a importância dos significados para a criança, uma vez que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser feita através de textos que contenham características reais do espaço onde o discente habita. Já que muitos livros apresentam textos advindos de lugares muito distantes que não levam em consideração o ambiente social da criança.

A maior parte dos professores acredita na utilização dos materiais didáticos, mas muitos têm alguns aspectos que consideram mais importantes, uma vez que para estes os materiais precisam apresentar determinadas características.

Na indagação feita sobre **que tipo de material os professores consideravam bom** obteve-se várias repostas. Dos 35 professores questionados, dois responderam que o material precisa possibilitar prazer, três descreveram que o aluno precisa despertar, onze responderam que o aluno precisa compreender o conteúdo com o instrumento utilizado. Os demais responderam questões descritas abaixo. Conforme dito, vê-se a seguir algumas respostas completas dos professores.



- AI2 diz que um material bom é “Aquele material que o aluno manuseia e faz com que o aluno desperte”.
- AI5 diz que “Considero bom o material didático que seja eficiente, que sirva de instrumento para que o aluno entenda e exercite o conteúdo de forma lúdica e prazerosa”.
- AI13 diz que “O material deve ser de qualidade, bem colorido e bem elaborado; adequado a faixa etária do aluno”.

Ao final da análise da questão, observou-se que os professores preocupam-se com a compreensão pelo aluno dos conteúdos, uma vez que para eles um material só atinge o seu êxito se o aluno entender e apreender os conhecimentos trabalhados.

De fato, o material didático pode ser justificado no trabalho pedagógico quando é um excelente mediador do processo de construção do conhecimento pela criança. Deste modo, quando este consegue atingir o melhor resultado na aprendizagem dos discentes está atingindo seu sentido de ser.

## **6. Formação continuada: produção e utilização de materiais didáticos**

Questionou-se também, se os professores haviam **feito algum curso de formação** com o objetivo de trabalhar e construir materiais didáticos para serem utilizados em sala de aula. Dos 35 professores, 21 responderam que sim, que já efetuaram cursos para fazer materiais didáticos e 14 responderam que não, que nunca tiveram nenhuma formação sobre o assunto.

Perguntou-se se os professores **constroem seus próprios instrumentos** de ensino e aprendizagem e se eles **possuem dificuldades em construí-los**. As respostas foram as seguintes: dos 35, 28 responderam que sim, que fazem seus utensílios, um respondeu que “Não ou muito pouco”, outro disse que “Difícilmente constrói” e cinco alegaram não efetuar a construção de seus próprios instrumentos de trabalho.

Na outra questão sobre as **dificuldades de construir os materiais**, doze professores responderam dificuldade na falta de tempo, dez descreveram que o problema está na compra do material e falta de recursos financeiros, quatro argumentaram falta de uma formação específica, sete responderam que não encontram nenhuma dificuldade e dois disseram que sentem dificuldades na escolha do material.

Portanto, observa-se que os maiores vilões para os professores na construção de instrumentos de trabalho são a compra do material e a falta de tempo. Seguem algumas respostas dos docentes.

- AI1: “Encontro. Na escolha do material”.
- AI2: “As maiores dificuldades vem da compra dos materiais, que muitas vezes é particular”.
- AI5: “As principais dificuldades encontradas são a falta de tempo devido ao excesso de carga horária. Em alguns casos a falta de recursos financeiros das escolas, bem como a falta de formação específica para a construção de material didático eficiente.
- AI7: “A principal dificuldade é a compra dos materiais que geralmente é o professor que tem que conseguir o mesmo e pagar por ele e o tempo para construção”.
- AI9: “As dificuldades encontradas são aquelas referentes à aquisição do material para a construção dos recursos didáticos, pois a escola não tem como oferecer e quando solicitado aos alunos, muitos não conseguem colaborar, e assim fica a cargo do professor a compra do material necessário. Por isso, o uso diversificado de recursos didáticos fica comprometido. Quando percebe-se, está trabalhando sempre com os mesmos materiais”.
- AI12: “Difícilmente construo, pois há falta de tempo e também de sugestões de algo prático e acessível. Já construí jogos em outros níveis de ensino como: pré e 3ª série”.
- AI15: “Encontro alguma dificuldade porque não sou muito habilidosa na confecção e às vezes tenho pouco tempo para dedicar a esta atividade”.

Os professores relatam dificuldades para comprar os materiais e falta tempo para construí-los. Muitos professores com jornada de trabalho de 40 horas não elaboram o material concreto e expressam que muitas vezes o material comprado pronto torna-se sem significado para a criança, pois vem de lugares distantes e não oferecem a noção de realidade no processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, a multiplicidade cultural que está subjacente às relações sociais desaparece dos contextos escolares, fica dissimulada e condicionada a uma única leitura de realidade possível – daquela produzida pela indústria de materiais pedagógicos.

## **7. CONCLUSÃO**

Na pedagogia escolar, os aspectos técnicos do trabalho docente ao longo do tempo, em virtude da abordagem tecnicista e das críticas feitas a ela pelas abordagens críticas acabaram gerando um tipo de entendimento que negou o caráter técnico da prática docente. Por isso, pesquisar materiais didáticos significa re-propor esta discussão sob um novo olhar de pedagogia, neste caso, a pedagogia ontopsicológica (MENEGETTI, 2006) que, pressupõe como princípio primeiro a inteligência humana fulcro de toda e qualquer ação educativa, seja para o professor que para o aluno. Deste modo, compreendendo o homem –

professor ou aluno – pode-se perceber que por meio do material didático ambos podem exercer um protagonismo de desenvolvimento de suas potencialidades. Este atuar e desenvolver-se porta a autonomia e capacidade crítica e criativa da ação docente e da ação aprendiz.

Nesta pesquisa buscou-se identificar como os docentes utilizam, e se utilizam materiais pedagógicos em suas relações de ensino e aprendizagem. Ao final da análise verificou-se que, os docentes possuem uma idéia fixa de que os materiais didáticos precisam ser comprados para terem o seu devido valor. Assim, eles desconhecem a importante ação que o material produzido pelo docente pode causar, sendo que, ao conhecer as diversas dificuldades dos alunos, os professores podem desenvolver materiais que consigam saciar as mesmas. Os materiais didáticos, não obstante os avanços no campo da didática e da compreensão dinâmica entre ensino e aprendizagem ainda não incorporou os princípios didáticos que ao longo da história da educação foram sendo construídos e podem ser relidos em novos contextos de práticas educacionais.

O problema de aprender e de ensinar pode estar relacionado aos múltiplos e variados fatores, uma vez que as práticas pedagógicas escolares demonstraram ainda uma dificuldade de incorporar no trabalho com materiais didáticos novas leituras e possibilidade de visão pedagógica. Os professores dizem acreditar na importância da utilização de materiais didáticos para a construção do conhecimento infantil, uma vez que para eles o concreto é de maior valia à criança, pois ela tem em mãos aquilo que teria apenas na teoria. Deste modo, observou-se com essa pesquisa que existe a preocupação dos docentes para com a aprendizagem dos seus alunos, em suas falas se manifestaram dizendo que querem tentar de alguma forma fazer a diferença na escola, através da utilização de utensílios e instrumentos que tentam facilitar a aprendizagem infantil.

Contudo, os dados desta pesquisa também revelam que não obstante exista no campo da pedagogia um longo percurso do ponto de vista das visões sobre o material didático e que este está diretamente relacionado com a concepção pedagógica que o professor adota, ainda parece que esta questão “materiais didáticos” não faz parte da sua visão de ensino, aprendizagem etc. Pode-se dizer que, parece que estes não compõe o conjunto da visão pedagógica do professor e na prática aparece apenas com uma concepção mais tradicional ou as vezes mais escolanovista de pedagogia. Não encontrou-se na pesquisa nem mesmo uma visão de materiais didáticos com uma postura historicizada ou contextualizada relativa à pedagogia histórico-crítica.

Os dados desta pesquisa apresentaram algumas preocupações ao grupo de pesquisadores. E, neste contexto, levantou-se alguns questionamentos: será que não falta aos professores uma qualificação no campo da didática e em especial na compreensão acerca dos aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças? Não será que os professores precisariam incorporar em toda a sua prática pedagógica os princípios do desenvolvimento humano e da aprendizagem humana, revendo profundamente os seus significados e suas implicações? Não será que teríamos que investir em uma pedagogia para a formação docente mais voltada à formação de sua pessoa como um todo?

Enfim, essas questões poderiam favorecer a adoção de novos pilares sobre os quais podem ser construídas as competências profissionais do docente. Por isso, o docente, muitas vezes carecendo dos aspectos didáticos e da compreensão de como o ser humano aprende e se desenvolve, ainda possui dificuldades de aplicar em sua prática os princípios conceituais, os quais, do ponto de vista de sua posição política defende e concorda. Desta forma, transformar o discurso pedagógico em efetiva prática que transforme a realidade do cotidiano profissional ainda é um desafio que deve ser enfrentado nos cursos de formação inicial e continuada de professores.

Por outro lado, pode-se compreender também que os reflexos da abordagem positivista e da tecnicista permanecem internalizados nos professores e em propostas de alternativas educacionais. De fato, exercer as múltiplas dimensões do processo de ensino-aprendizagem, que segundo Candau (1984) são a humana, técnica e político-social, implica uma postura interdisciplinar. Isto é, perceber que o modo com que os professores utilizam os materiais didáticos e os percebem podem conter princípios de uma abordagem pedagógica as quais eles mesmos não são de acordo, rejeitam e tentam ultrapassar.

Os materiais didáticos fazem parte do cotidiano dos educandos, mas sabe-se que muitas vezes esses instrumentos, encontrados nas escolas, provem de lugares tão distantes que não condizem em nada com a realidade dos alunos. Sendo assim, aprofundou-se o tema dos materiais didáticos na ação do docente, ou seja, na apreensão pelo aluno de conhecimentos e na reconstrução destes. Visto que, muitas vezes, os professores acreditam não possuir capacidade de fabricar seus próprios instrumentos de aprendizagem, salientou-se que depende dele a criatividade utilizada na fabricação, já que, ao criar ele coloca em prática aquilo que o aluno possui dificuldade, ou seja, o que o discente precisa para desenvolver-se de forma mais significativa. Sabe-se que os materiais didáticos são mediadores de aprendizagem, contudo, dentro desse contexto devem ser construídos de modo reflexivo e provocativo, propiciando aprendizagens múltiplas, tanto para o docente

quanto para o aluno. Os materiais didáticos não devem ser menosprezados, nem mesmo são as soluções para todos os problemas de aprendizagem, contudo, devem ser considerados e estudados.

### **Referências Bibliográficas**

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

CANDAU, Vera Maria. **Didática em questão**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

FERREIRO, Emília. **Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever**. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **A Didática no Ensino Superior**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIORDANI, Estela Maris. O “como” implementar a dimensão interdisciplinar em práticas pedagógicas. **Revista Contexto e Educação**, Unijuí, ano 15, nº 60, out/dez, p. 81-98, 2000.

GIORDANI, E. M.; MENDES, A. M. A subjetividade no processo pedagógico das orientações no ensino superior. In: FREITAS, D. S.; GIORDANI, E. M.; CORREA, G. C. (org.). **Ações Educativas e Estágios Curriculares Supervisionados**. Santa Maria: UFSM, 2007.

IORI, V. Dal fare didática all'essere in didática. In: BERTOLINI, P. (org). **Sulla Didática**. La Nuova Itália Editrice: Milano, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MENEGHETTI, Antônio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4ª ed. Recanto Maestro: Onto Ed., 2006.

MONTESORI, Maria. **A Criança**. 5ª ed. Lisboa: Portugalia, 1972.

PAIN, Sara. **O papel da escola na transmissão de conhecimentos**. Cadernos CEVEC, nº1, 1-16, 1985.

PERRENOUD, Phillipe. **Novas Competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Tendências e correntes da educação brasileira**. In: MENOES, D. T. (coord.). **Filosofia da Educação Brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo, Cortez, Autores Associados. 1986.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas, 2005.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A Formação do professor do Ensino Superior**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Pioneira. 2000.